

A INFLUÊNCIA DOS PADRÕES MORAIS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E CONSTRUÇÃO DO SUJEITO DESDE OS ANOS INICIAIS DE SUA FORMAÇÃO

AUTORES

Rosinei RAMOS

Formanda do curso de Pedagogia da União das Faculdades dos Grandes Lago - UNILAGO

Gláucio Silva CAMARGOS

Docente dos cursos de Licenciatura da União das Faculdades dos Grandes Lagos -UNILAGO

RESUMO

Esse artigo aborda as diferentes concepções de formação moral e social do ser humano e sua articulação com o sistema educacional. Tenta responder como a escola pode contribuir de forma positiva ou negativa nesse processo. Assim, buscamos entender como o sujeito se desenvolve e como a sociedade com seus costumes, crenças e valores influencia esse desenvolvimento, muitas vezes impossibilitando o alcance de uma autonomia desse indivíduo em relação aos seus próprios desejos. Tendo como base a filosofia de Friederich Nietzsche nas obras, *Humano, Demasiado Humano* (1878) e *Crepúsculo dos ídolos* (1888), e as pesquisas realizadas por Jean Piaget em *O Juízo Moral na Criança* (1932), traçamos um paralelo entre essas diferentes concepções para promover uma reflexão a respeito do que vem a ser a moral e como ela determina nossas atitudes e comportamentos.

PALAVRAS - CHAVE

Sociedade, educação,. Capitalism, padronização

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto representa um grande interesse de nossa parte em compreender de que forma a criança percebe e absorve as instruções recebidas pelo meio social em que está inserida e qual o impacto gerado por elas no processo de descoberta e desenvolvimento dessa criança. Nos interessamos muito em compreender como os conceitos de respeito, empatia, dignidade e tantos outros essenciais à nossa existência são repassados para o sujeito desde a infância. Acreditamos que compreender como esse processo se organiza pode ser de grande valia para os inúmeros desafios enfrentados pelos pedagogos e professores no ambiente escolar.

Na busca pela compreensão desses processos tentaremos encontrar respostas para as seguintes questões: O pedagogo como agente de formação não apenas acadêmica, mas também moral e social pode contribuir para a formação de pessoas conscientes, empatas, solidárias e mais justas? Como colaborar para que o aluno possa se desenvolver com autonomia e possibilidades de ser quem realmente é, sem necessariamente se encaixar em padrões estabelecidos pela sociedade?

Acreditamos que esse é o caminho para a formação de pessoas mais justas, livres e verdadeiramente conscientes. Afinal o sujeito somente é capaz de alcançar seu auto conhecimento quando tem a possibilidade de ser e agir de acordo com sua essência e somente assim ele será capaz de constituir uma sociedade evoluída e que caminhe em busca do conhecimento.

Mas será que os moldes do sistema de ensino educacional nos permite avançar nesse aspecto? Como podemos promover discussões e reflexões em torno de temas relacionados à ética e moral quando temos todo um conteúdo acadêmico a ser transmitido?

2. A MORAL ENQUANTO OBJETO EXTERNO AO SUJEITO

Quando analisamos os moldes em que se encontra nosso sistema educacional, percebemos como ele contribui para o aprisionamento e massificação do aluno, como inibe a produção de toda a genialidade humana e como isso impede a formação de uma sociedade verdadeiramente crítica e consciente. É como se nunca pudéssemos esperar por dias melhores, afinal desde muito cedo somos introduzidos nesse meio que nos formata, nos programa a repetir sempre as mesmas atitudes, a sonhar sempre os mesmos sonhos, somos realmente padronizados.

Nesse momento vamos nos concentrar em discutir a padronização moral à qual nos submetem e como ela serve a interesses e motivações ocultas. O objetivo é buscar definições possíveis para a padronização moral e analisar se essa está relacionada ao que se chama de índole ou caráter de cada sujeito.

A maneira como a sociedade e o ambiente escolar trabalham a formação moral e social do aluno nada mais é que uma contribuição para a construção de uma sociedade da desconfiança, afinal todo o comportamento dos alunos e das pessoas em geral é controlado por recompensas, castigos, monitoramento por meio de câmeras e agentes fiscalizadores. Traçando um paralelo entre o momento em que as crianças de uma determinada escola participam de seu intervalo, de seu momento de interação entre os colegas e o comparamos ao chamado banho de sol de presidiários, notamos inúmeras semelhanças. Nos dois momentos as pessoas são vigiadas por câmeras de segurança e profissionais orientados à observar a interação entre elas e agir a qualquer momento caso se faça necessário.

Talvez essa comparação seja muito radical, mas também deve nos levar à reflexão de como agimos de forma idêntica diante de contextos tão distintos como é o caso da escolarização e da ressocialização do sujeito,

afinal “devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?” (FOUCAULT, 2003, p. 187)

Como educadores devemos colaborar para o desenvolvimento de uma conscientização de nossos alunos em relação ao que realmente seria uma boa convivência em sociedade, que ela seja pautada no respeito aos seus semelhantes e a si próprio, caso contrário, estaríamos contribuindo para a formação de uma sociedade de hipocrisia e mediocridade, onde os bons gestos acontecem somente em situações e ambientes em que o indivíduo esteja sendo observado, de modo que, caso não exista essa fiscalização ele seja capaz de agir de forma totalmente contrária ao que ele próprio diz.

2.1 A CONSTRUÇÃO DA MORAL

Em seu livro *O juízo moral na criança* (1994), Piaget traz uma afirmação muito importante no processo de aquisição da moral de um indivíduo, “toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras”.

Para entender melhor esses processos vamos recorrer à teoria do autor sobre os estados de desenvolvimento do sujeito e como a escola pode contribuir de forma positiva com esse processo.

A criança nos seus primeiros anos de vida se encontra na fase da anomia, onde ainda não é capaz de respeitar e compreender o sentido das regras, age de acordo com suas vontades e necessidades e não se vê como parte de uma sociedade, mas sim como o centro dela, é o que chamamos de egocentrismo. À medida que essa criança vai se desenvolvendo e convivendo em sociedade, vai percebendo que precisa respeitar algumas normas e entendendo que a desobediência às mesmas pode trazer consequências negativas e punições. Nesse momento a criança se encontra na fase da heteronomia, em que o respeito às normas se dá somente pela coação.

É nesse momento que se faz tão importante a mediação do adulto para o sucesso na passagem dessa fase para a seguinte. No ambiente familiar os responsáveis precisam se atentar às suas atitudes para que essa criança em formação possa por meio de exemplos, compreender o verdadeiro sentido das regras, caso contrário o que ocorrerá é a estagnação nessa fase, onde o indivíduo não é capaz de respeitar os membros de sua sociedade e age de acordo com sua conveniência e seus interesses.

Alguns exemplos muito comuns de contribuição para a paralisação do indivíduo no estado da heteronomia se encontram no ambiente familiar em situações que a criança apresenta um comportamento inadequado e os responsáveis na intenção de modificar essas atitudes, oferecem um estímulo positivo ou negativo que pode ser o presente que a criança está aguardando ou mesmo a ameaça de um castigo. Essas atitudes muitas vezes também estão presentes em sala de aula, quando o professor argumenta que caso seus alunos não se comportem bem ele irá aplicar uma avaliação difícil ou trazer mais exercícios. Além de condicionar o aluno à ideia de que a avaliação é algo negativo, o professor e os responsáveis quando usam dessas estratégias para acalmar as crianças contribuem de forma significativa para a formação de pessoas que ajam conforme princípios e normas externas a elas e nunca de acordo com sua conscientização própria sobre o que seriam boas atitudes.

Muitas vezes a escola é o único ambiente em que a criança tem a oportunidade de interagir com outros membros da sua idade, e portanto que se encontram no mesmo processo de desenvolvimento que o seu e sendo assim, os professores precisam se atentar às práticas que promovam o entendimento sobre a importância do bom convívio em sociedade e como esse processo se apresenta. Mais que oferecer reforços positivos e negativos, a melhor forma de promover a autonomia, última fase de desenvolvimento moral de um sujeito depende de uma educação que o conscientize sobre as causas e efeitos de suas atitudes. É o que Nietzsche

chama de educação para a realidade. “No caso do indivíduo, a tarefa da educação é a seguinte: torná-lo tão firme e seguro que, como um todo, ele já não possa ser desviado de sua rota”. (NIETZSCHE, 2017, p. 224)

Quando analisamos as pesquisas realizadas por Piaget sobre o desenvolvimento moral da criança, fica evidente como o processo de aquisição dessa moral é imposto a ela desde muito cedo com a justificativa de que isso irá promover uma melhor convivência em sociedade. Mas e quanto às suas próprias necessidades, vontades, desejos? Até que ponto é correto e saudável que nos coloquemos em segundo plano para agirmos de acordo com o que os outros esperam de nós?

É essa imposição de moral que de certa forma nos impede de ser quem somos que Nietzsche criticou duramente durante sua vida. Ele defendia o direito do ser humano de ser autêntico e de buscar a realização de seus desejos mais genuínos, acreditava que a educação moral como se apresentava e apresenta até os dias atuais, padroniza e domestica o sujeito e não respeita sua individualidade e assim inibe sua vontade de potência.

Em todos os tempos quis-se "melhorar" os homens: este anseio antes de tudo chamava-se moral. Mas sob a mesma palavra escondem-se todas as tendências mais diversas. Tanto a domesticação da besta humana quanto a criação de um determinado gênero de homem foi chamada "melhoramento": somente estes termos zoológicos expressam realidades. Realidades das quais com certeza o sacerdote, o típico "melhorador", nada sabe - nada quer saber... Chamar a domesticação de um animal seu "melhoramento" soa, para nós, quase como uma piada. Quem sabe o que acontece nos adestramentos em geral duvida de que a besta seja aí mesmo "melhorada". Ela é enfraquecida, tornam-na menos nociva, ela se transforma em uma besta doentia através do afeto depressivo do medo, através do sofrimento, através das chagas, através da fome. - Com os homens domesticados que os sacerdotes "melhoram" não se passa nada de diferente. (NIETZSCHE, 2017, p. 40)

A vontade de potência em Nietzsche está diretamente ligada à capacidade do homem de se expandir, criar valores e sentidos próprios à sua vida o que promoveria uma elevação cultural de toda uma sociedade e para que isso seja possível se faz necessário reavaliar todo nosso conceito do que vem a ser uma formação integral do ser humano.

Para compreender melhor os motivos das críticas de Nietzsche em relação à educação de seu tempo precisamos voltar ao contexto histórico em que a educação foi disseminada às classes menos favorecidas. O intuito da democratização da educação era a formação de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho que vinha se expandindo devido à Revolução Industrial do século XVIII. Portanto lutar contra essa característica tecnicista e homogeneizadora da educação é lutar contra um sistema antigo e poderoso e que vem se fortalecendo cada vez mais conforme as necessidades e competitividade do mercado de trabalho. As instituições de ensino, em especial as privadas se preocupam cada vez mais em preparar seus alunos para obterem bons resultados nos vestibulares e esse trabalho tem início desde a educação infantil. O foco então é cada vez maior na formação de pessoas cada vez mais aptas a conviverem no mercado de trabalho, a obterem cada vez mais lucro para o sistema capitalista. Nietzsche já fazia críticas a esses objetivos da educação desde sua época de professor.

As opiniões de Nietzsche sobre educação são tão contemporâneas que (MARTON e DIAS, 2003, apud Neukamp, 2006 p.2). diz que “um leitor desatento poderia supor ter diante dos olhos um livro que acaba de ser escrito. E o mesmo poderia pensar um leitor atento – com mais razão até”

Mas por que abordamos essas questões econômicas quando nosso objetivo é discutir sobre a formação moral da criança? O fato é que seria ingenuidade de nossa parte desconsiderarmos a forte influência

do sistema econômico no estabelecimento das diretrizes de ensino de nosso sistema educacional, e é esse sistema que nos impede enquanto professores de destinarmos um tempo maior para a formação pessoal de nossos alunos.

Esse é um sistema tão resistente e poderoso que tem a mídia a seu lado, ou melhor dizendo, está ao lado da mídia já que essa é a mais poderosa ferramenta de controle de massa.

A escola como se configura, também pode ser considerada como uma dessas ferramentas e vem cumprindo muito bem seu papel nesse sentido. Não é preocupante pensar em como todos estamos condicionados a esse padrão de normalização, dessa busca inconsciente pelo modelo ideal de ser e estar?

Ínúmeras vezes usamos a palavra normal em nosso dia a dia e na maioria das vezes inadequadamente, para nos referirmos à objetos, sensações, pessoas e lugares, isso nada mais é que o reflexo de uma busca inconsciente pela normalização.

Consideramos normal tudo aquilo que se aproxima do que temos internalizado como familiar, ideal, adequado e isso é um problema porque sempre que nos deparamos com uma situação ou mesmo uma pessoa que não corresponda a essa nossa ideia de adequado, imediatamente a pré-julgamos como errada, anormal e essas atitudes no ambiente escolar provocam danos irreparáveis ao indivíduo.

A verdade e a mentira são construções que decorrem da vida no rebanho e da linguagem que lhe corresponde. O homem do rebanho chama de verdade aquilo que o conserva no rebanho e chama de mentira aquilo que o ameaça ou exclui do rebanho. (...) Portanto, em primeiro lugar, a verdade é a verdade do rebanho. (NIETZSCHE, 2016, p. 6)

O professor precisa estar livre de todos esses preceitos para que assim possa contribuir para a formação pessoal e moral de seus alunos de forma significativa, que seus ensinamentos não se limitem à lições de moral, à uma conduta que não corresponda à sua fala. Sabemos que o aluno aprende muito mais pelo exemplo do que pelas palavras. Na maioria das vezes é aqui que se encontra o nó da educação moral, a criança com sua percepção apuradíssima percebe claramente que um adulto diz com veemência o que se deve fazer, como tratar as pessoas, como respeitá-las, como respeitar normas e no entanto ele age de forma contrária a tudo o que diz. Diante desses exemplos o natural é que essa criança reproduza as mesmas atitudes e aja da mesma forma que esse adulto, sem de fato compreender o sentido e efeito de suas ações.

E para que esse ciclo de hipocrisia seja interrompido é preciso conscientizar desde cedo esse sujeito para que seu comportamento não dependa mais de atitudes e fatores externos a ele. É preciso torná-lo senhor de si mesmo, para que dessa forma ele não seja mais um animal de rebanho, conforme a expressão criada por Nietzsche.

2.2 A SOCIEDADE DOS PADRÕES

Em seu livro *Admirável Mundo Novo* de 1932, Aldous Huxley nos apresenta a uma terrível sociedade em que a padronização de condutas se faz absolutamente necessária para a manutenção da ordem. Nessa sociedade as pessoas são criadas em laboratório e predestinadas a exercer determinadas funções, a gostar de determinados hábitos e atitudes, sejam relacionados à vida sexual, intelectual ou profissional, enfim, são padronizadas conforme determinação de alguns poucos centros administrativos responsáveis pelo controle dessa imensa fábrica de seres humanos.

A leitura do livro nos leva à reflexão sobre a importância da conscientização do sujeito a respeito de si mesmo, sobre seus desejos, seus ideais, sobre o que é certo e o que é errado. Questionamentos esses, cada

vez mais distantes dos interesses das pessoas de forma geral, uma vez que se encontram mais ocupadas em seguir modelos estipulados por fontes externas a elas mesmas.

Estabelecendo uma relação entre o método descrito no livro de Huxley sobre a utilização da hipnopédia, uma técnica de aprendizado baseada na assimilação de conteúdo durante o sono (sabe-se hoje que esse método não é eficaz) entre o hábito diário de assistir à TV, percebemos que ela continua sendo utilizada ostensivamente em forma de condicionamento em outras esferas como por exemplo: azul = menino e rosa = menina e encontramos inúmeras semelhanças no objetivo de formar conceitos e opiniões nos telespectadores, além de tantas outras ferramentas tecnológicas como os tablets, smartphones e computadores que quando utilizados de forma inconsciente contribuem efetivamente para a alienação de seus usuários.

Se traçarmos um paralelo com a realidade atual que nos cerca e aquela apresentada por Huxley em seu livro, não é preocupante pensarmos em como elas se assemelham? Afinal estamos cada vez mais próximos de uma sociedade padronizada, profundamente influenciada por interesses que sem percebermos não correspondem aos nossos.

Um estado totalitário realmente eficaz seria aquele em que o executivo todo poderoso constituído de chefes políticos de um exército de administradores, controlasse uma população de escravos que não precisassem ser forçados, porque teriam amor à servidão. Fazê-los amá-la é a tarefa atribuída, nos atuais estados totalitários, aos ministérios de propaganda, diretores de jornais e professores.
(HUXLEY, 2014, p.14)

É nesse sentido que se faz tão necessário desenvolver trabalhos, discussões e reflexões no ambiente escolar, de maneira que o aluno tenha condições de desempenhar seu papel na sociedade de maneira verdadeiramente crítica e reflexiva. Caso não caminemos em busca desses conhecimentos, não estaremos então sendo coniventes com o sistema, que segundo Nietzsche enfraquece o homem a partir do momento em que o condiciona e domestica?

Porém aplicar as ideias de Nietzsche no contexto escolar é um enorme desafio, até porque compreendê-las é uma tarefa dura e árdua. Por mais que suas opiniões façam sentido para muitos, a questão é que todos fomos formados dentro do conceito de moral e bons costumes, tendo sido estes previamente definidos em um determinado momento. Ainda que esses costumes se modifiquem com o passar dos anos, somos sempre guiados por eles, em qualquer época.

A moral pode ser entendida como: “ciência do bem e do mal, teoria do comportamento humano enquanto regido por princípios éticos (varia de cultura para cultura e se modifica com o tempo no âmbito de uma mesma sociedade); corpo de preceitos e regras que visa dirigir as ações do homem, segundo a justiça e a equidade natural; disposições para agir bem, a respeito de si próprio e a respeito dos outros, na comunidade humana”. (LAROUSSE).

Diante disso é possível compreender melhor o que Nietzsche quer nos dizer com o termo criado por ele para designar o homem como “animal de rebanho”. Afinal, hoje somos levados a classificar ideias e atitudes como morais ou imorais e amanhã essas mesmas ideias e atitudes podem ser classificadas de forma completamente diferente de hoje.

E nossa própria conclusão a respeito delas? Em momento algum temos condições de determinar por nós mesmos o que é bom ou ruim, certo ou errado em relação aos nossos desejos, nossa forma de pensar?

No mundo atual a padronização imposta pelos meios de comunicação e mídias sociais é tão forte que presenciamos constantemente atos de violência tão graves que inúmeras vezes resultam em verdadeiras tragédias. Quando uma ferramenta de controle de massa tão poderosa como a mídia estipula um padrão de beleza, de felicidade, de atitudes corretas, ser diferente pode ser muito perigoso, afinal tudo e todos que não se enquadram nesses padrões estão de fora do grupo e isso contribui de forma significativa com o aumento da intolerância entre as pessoas. Como pensam saber o que é aceitável e o que é condenável se sentem no direito de acuar e reprimir quem quer que aja de forma contrária a esses conceitos, não se pode agir de acordo com seus próprios princípios, mas sim seguir o modelo estipulado. E o assombroso é que ninguém se pergunta, estipulado por quem? Por quê? Apenas obedecem.

Como podemos perceber, de forma geral o homem de hoje não alcançou o conceito de autonomia definido por Piaget abaixo:

[...] quando ela descobre que a veracidade é necessária nas relações de simpatia e respeito mútuos.
[...] há autonomia moral, quando a consciência considera como necessário um ideal, independente de qualquer pressão exterior.
A autonomia só aparece com a reciprocidade, quando o respeito mútuo é bastante forte, para que o indivíduo experimente a necessidade de tratar os outros como gostaria de ser tratado” (PIAGET, 1994, p.155)

Assim como também não está no caminho sugerido pela filosofia de Nietzsche em que ele defende a vontade de potência como sendo um objetivo a ser alcançado pelos homens.

Quando analisamos as pesquisas de Piaget para entendermos como o indivíduo desenvolve todo o conceito de moral e tentamos estabelecer um paralelo com a filosofia de Nietzsche sobre o que seria um desenvolvimento positivo desse indivíduo, encontramos inúmeras diferenças. Lembrando que Piaget nos apresenta dados coletados com base em suas pesquisas, tendo sido essas realizadas com crianças que receberam esses conceitos de outros adultos enquanto que Nietzsche se posiciona fortemente como defensor de uma educação baseada na valorização do indivíduo e não simplesmente no cumprimento de valores morais externos a eles.

O que pretendemos com essa comparação é promover uma reflexão sobre como métodos de formação tão diferentes puderam alcançar resultados tão parecidos. Enquanto o proposto por Nietzsche não teve sequer a chance de buscar resultados positivos, uma vez que não foi aplicado na prática, não pelo menos de forma sistematizada, os métodos adotados pela tradicional educação moral também não obtiveram êxito, uma vez que o objetivo de ambos seria promover a autonomia moral no sujeito.

O que podemos constatar hoje é que a grande maioria das pessoas se encontra estagnadas na fase da heteronomia, ou seja, todas as suas atitudes, ou grande parte delas são guiadas por fatores externos a elas, sendo que se os mesmos não existissem elas também não fariam uso deles por não os enxergar como sendo próprios de si mesmas.

Então qual seria o caminho para uma educação libertadora, que respeite e possibilite o desenvolvimento pleno do ser humano?

Para encontrar respostas a questões como essas é necessário tomar conhecimento dos diferentes métodos, das diferentes posturas e concepções apresentadas até o momento por diversos pensadores, para que com base nesse conhecimento o professor não viva uma utopia, mas sim caminhe em busca de um mundo melhor e possível de ser alcançado. No entanto, para isso ele precisa estar comprometido com a missão de

educador, pesquisador, provocador e essas virtudes somente são adquiridas por meio de muito esforço, talvez por isso poucos se dediquem verdadeiramente a elas. Resumidamente, ele precisa adquirir conhecimento sobre o mundo e sobre os reais objetivos da educação para que desenvolva um trabalho consciente e não se perca na ingenuidade e no desconhecimento.

Na contramão de toda essa contribuição positiva dos estudos da filosofia, está o nosso triste cenário educacional atual, em que o poder público pretende retirar da matriz obrigatória as disciplinas que contribuem para o conhecimento do funcionamento dos sistemas de poder. E ainda que isso nos traga a sensação de retrocesso em relação aos avanços até então alcançados na área das ciências humanas, principalmente sobre o aumento do interesse pela Filosofia que nos possibilita levantar questionamentos e inquietações em relação a nós mesmos e o mundo em que vivemos e da Sociologia que nos ajuda a compreender os contextos sociais em que estamos inseridos, como educadores não devemos desistir de promover a capacidade de pensar e agir de nossos alunos, pois se realmente o estudo dessas ciências se tornar opcional muitos deles não optarão por eles, até porque sequer saberão o que realmente eles são. E por fim em um mundo onde as pessoas sejam incapazes de pensar, refletir e questionar, será cada vez mais fácil determinar a elas o que é tido como bom ou ruim, moral ou imoral sem que seja necessário chegar aos extremos da criação de seres humanos em laboratórios conforme citamos anteriormente, mas sim que os próprios indivíduos se auto controlem aperfeiçoando cada vez mais o panóptico em que vivemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui não tivemos a intenção de determinar o que é melhor ou pior dentro do contexto escolar, antes, buscamos promover uma reflexão em relação à importância do ato de educar e do papel do professor na sociedade, nesse e em outros tempos. O objetivo é refletir sobre as dificuldades encontradas em sala de aula no que diz respeito ao comportamento apresentado pelos alunos desde os anos iniciais e como muitas vezes essa dificuldade se estende à vida adulta.

Compreender os estágios de desenvolvimento moral da criança descritos por Piaget com base em suas pesquisas contribui de forma muito efetiva na compreensão desses processos.

Porém quando trazemos à tona as reflexões do filósofo Nietzsche em torno dessa moral, levantamos questionamentos pertinentes a essa prática de estipular desde muito cedo ao indivíduo o conceito de certo e errado sobre tudo o que o cerca, afinal, de uma forma ou de outra é isso que os valores morais nos impõem e conseqüentemente padronizam um comportamento em busca de um bom convívio em sociedade.

De forma alguma buscamos desqualificar os conceitos de moral enquanto orientadores de um bom convívio em sociedade. Sabemos o quanto eles são importantes e também o quanto as pessoas tem dificuldade em compreendê-los, respeitá-los e acima de tudo colocá-los em prática e é essa dificuldade que nos fez buscar novos olhares em torno desses conceitos. Acreditamos que precisamos entender melhor a natureza do ser humano, suas vontades e necessidades verdadeiras. Para isso recorreremos ao filósofo Nietzsche que dedicou-se a compreender essas necessidades, opondo-se à sociedade por suas ideias tão divergentes dos padrões de sua época, para nos ajudar a entender porque mesmo sendo apresentado ao sujeito desde muito cedo, esses valores não são verdadeiramente praticados por ele. Nietzsche nos mostra que tudo que é externo ao indivíduo, tem grandes chances de não fazer sentido a ele, e como muitas vezes é algo imposto, não é capaz de promover um senso crítico e a capacidade de fazer escolhas de acordo com seus verdadeiros desejos. Quando dizemos que as pessoas devem ser capazes de fazer escolhas de acordo com suas verdadeiras vontades, não significa que elas poderão agir da maneira como bem entendem sem se

preocupar com as necessidades e vontades do outro. A ideia de um bom convívio entre as pessoas segundo Nietzsche, passa pelo respeito delas em relação a si mesmas e a busca pelo seu autoconhecimento. Somente respeitando a si mesmo é que podemos respeitar o próximo.

O que buscamos com essas reflexões é apresentar pontos de vista diferentes dos que conhecemos em relação ao conceito de moral, pensarmos em como muitas vezes ele promove uma normalização nas pessoas, anulando sua individualidade.

Segundo Nietzsche o autoconhecimento seria capaz de promover a elevação cultural da sociedade, as pessoas seriam mais verdadeiras umas com as outras e o mais importante, consigo mesmas. Afinal as ideias manifestadas por ele nos possibilitam ver o homem, a ciência, a religião e tantos outros aspectos de nossa vida de maneira diferente do que até então nos foi imposto, ele nos apresenta a novas possibilidades e nos ensina a compreender o diferente, o “anormal” de maneira que saibamos nos respeitar independentemente da forma como pensamos ou agimos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Tradução de Raquel Ramallete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. Tradução de Lino Vallandro. 22. ed. São Paulo: Globo, 2014.

NEUKAMP, E. **As críticas do professor Nietzsche à educação de seu tempo**. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/012e4.pdf>>. Acesso em 12 de Nov. 2016.

NIETZSCHE, F. **Humano, Demasiado Humano**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz S.A, 2017.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz S.A, 2017.

_____. **Genealogia da Moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz S.A, 2017.

_____. **Verdade e mentira no sentido extramoral**. Tradução e apresentação de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Disponível em: <http://imediata.org/asav/nietzsche_verdade_mentira.pdf>. Acesso em 19 de Set. 2016.

OLIVEIRA, A.R. **A Genealogia da Moral de Nietzsche**. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilescuela.uol.com.br/filosofia/a-genealogia-moral-nietzsche.htm>>. Acesso em: 4 de Ago. 2016.

PIAGET, J. **O Juízo Moral na criança**. Tradução de Elzon Leonardon.4.ed. São Paulo: Summus, 1994.

SOUZA,R. **As Nossas Virtudes – Análise do sétimo capítulo da obra “Além do bem e do mal” de Friedrich Nietzsche**. Disponível em:

<<https://jus.com.br/artigos/30102/as-nossas-virtudes-analise-do-setimo-capitulo-da-obra-alem-do-bem-e-do-mal-de-friedrich-nietzsche>>. Acesso em: 4 de Ago. 2016.

Enciclopédia:

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo, ed. Nova Cultural. 1998